

Surpresa tardia

Em 18 de janeiro de 1945, o campo de trabalho de Czystochowa, uma fábrica de munições, é libertado das mãos dos alemães. Os libertadores encontram uma cena horrível: os trabalhadores forçados, judeus e polacos, foram mantidos como animais pelos soldados nazis. Entre as pessoas que deixam o campo nesse dia frio e nevado de inverno está também uma menina com a cabeça rapada: Edyta, de treze anos. Ela está coberta de sujeira, tem piolhos e mal consegue ficar de pé de tanta fome e exaustão. Além disso, está com tuberculose. Ela cobriu uma ferida aberta com um pedaço de pão. Homens amáveis levantam a criança esquelética e trêmula e colocam-na no comboio. [...] O comboio para entre Czystochowa e Cracóvia; os libertados precisam de descer. Edyta arrasta-se até à sala de espera da estação ferroviária provincial e desaba num canto, exausta. Ela não se importa com nada, não aguenta mais.

MEUSER, Bernhard. Sternstunden. Fontis-Verlag, 2016. p. 71.

De repente, aparece um jovem, obviamente um padre. Edyta encolhe-se instantaneamente. Mas o jovem não é um perigo – ele é amigável, cuida da rapariga, oferece-lhe chá e pão. Edyta mal consegue comer, de tão fraca que está. O jovem diz algo, fala com ela. Edyta não reage. Sem pensar duas vezes, ele coloca-a aos ombros e carrega-a. Edyta percebe apenas que é um longo caminho. O jovem padre é forte, um tipo atlético. E Edyta não pesa muito; ela é apenas pele e ossos. São quilômetros pela neve até outra estação ferroviária, outro comboio. Lá estão rostos conhecidos; outros refugiados também esperam pelo transporte.

O jovem fala com eles. Mas ele também vê o que as figuras tremendo de frio mais precisam agora. Ele prepara um velho barril e algo para fazer nele uma fogueira, para que as pessoas não morram congeladas.

Rapidamente, uma fogueira cheia de fuligem começa a arder no barril. Um pouco de vida volta aos ex-prisioneiros.

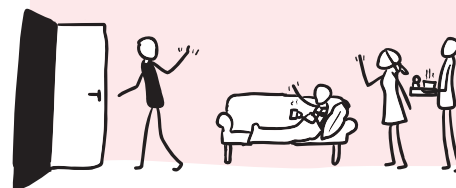
Eles aquecem as mãos. Alguém até ri. Edyta agora consegue ficar de pé, encostada à parede do vagão. Ela olha para o seu salvador, conversa com ele, pergunta o seu nome. O jovem padre conta

sobre si mesmo que tem vinte e quatro anos, que os pais já faleceram. Ele também diz o seu nome. É um nome polaco simples, fácil de lembrar. Edyta grava-o bem na memória. Em algum momento, o comboio começa a mover-se, em direção a Cracóvia. De repente, Edyta é tomada novamente pelo medo. O que é que o seu protetor, que não sai do seu lado, pretende fazer com ela? Será que ele quer fechá-la num convento? Não, o jovem padre tranquiliza-a e ri; ele vai levá-la para a casa de uma tia, onde ela estará bem e aquecida, num lar «cheio de gatos e almofadas».

Edyta Zierer segue por conta própria. Durante anos, ela vive num sanatório nos Pirineus franceses, onde recupera a saúde. Em 1951, emigra para Israel. No navio, conhece o marido, com quem tem filhos e leva uma vida feliz. Ao longo de todos esses anos, não esquece o nome do jovem polaco a quem devia a vida. Ela ainda se lembra dele quando, num belo dia de 1978, está sentada em sua casa em Israel, folheando uma edição da revista *Paris Match*. De repente, detém-se numa notícia: um cardeal polaco, lê ela, foi eleito Papa. Polónia! Ah, o país da sua infância e juventude! Ela continua a ler – e detém-se num nome que faz o seu sangue aquecer. Edyta Zierer conhece as cinco sílabas desse nome como poucas outras coisas: Karol Wojtyła.



CRACOVIA — CZESTOCHOWA



IMPULSO

Leiam essa história em voz alta! Por que motivo é lindo fazer algo pelo outro, mesmo que não se ganhe nada com isso? Já passaram por algo semelhante ou já fizeram algo assim?